



Percepção de Risco em Relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis de Estudantes Universitários

Marianne Silva Soares, Rafaela Siqueira de Oliveira, Ana Paula Ferreira Holzmann

Introdução

A origem da vida está relacionada a muitos fatores e um deles é a sexualidade. A sexualidade é vista como um conjunto de expressões ou comportamentos do ser humano, de modo a influenciar todo o ciclo de vida, por estar relacionada a fatores biológicos, psicológicos e sociais, dentre estes a procriação e a autoafirmação social e individual [1].

A sexualidade faz parte da vida dos seres humanos e o seu equilíbrio depende da estabilidade emocional do indivíduo. Entre os seres humanos, a sexualidade não se restringe apenas às funções de reprodução; ela inclui necessariamente o amor e o prazer [2].

A juventude é um estágio da vida em que o indivíduo passa por profundas transformações e vivencia novas experiências no que diz respeito à sexualidade, porém nem todos estão preparados para a iniciação sexual e para as responsabilidades e consequências advindas dela [3]. O início da vida sexual está cada vez mais precoce e os jovens mais expostos aos riscos de gravidez não planejada e aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DST), inclusive a aids [4].

Além do início precoce da atividade sexual, existem inúmeros fatores agravantes que deixam o indivíduo mais susceptível a contrair essas doenças, como: desinformação e baixa escolaridade, excesso de autoconfiança em relação à vulnerabilidade, uso de álcool e outras drogas, múltiplos parceiros sexuais; relação sexual com indivíduo do mesmo sexo; parceiros casuais e, principalmente, a falta da utilização de preservativo [5].

Diante da importância do tema abordado e considerando que o nível de escolaridade é um fator que pode influenciar comportamentos, surgiu o interesse em realizar esse estudo que teve como objetivos verificar a adoção de medidas de proteção no sexo, assim como a percepção de risco frente às DST de estudantes de uma universidade pública do norte de MG.

Material e Métodos

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal, também chamado de inquérito epidemiológico, o qual permite visualizar a situação de uma população em determinado momento. Pesquisa de aspecto exploratório, em que interessa descrever e categorizar fenômenos em um grupo de pessoas.

A população de estudo foi composta pelos estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Pedagogia e Letras Português da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Esses sujeitos foram escolhidos por serem pertencentes à área da saúde e educação, dois grupos que deveriam possuir conhecimentos sobre o assunto e possuir hábitos de vida saudável, estando aptos a expandir informações inerentes à sexualidade humana. Também foi considerado o fato de que estes cursos pertencem à mesma Universidade e se localizam no mesmo campus.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado composto de 21 questões que foi aplicado em sala de aula, com autorização prévia do professor. Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professora da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes nº 533.637.

Resultados e Discussão

Responderam ao questionário um total de 159 estudantes, sendo 49,6% pertencentes aos cursos da área da saúde e 50,3% da área da educação. A maioria é do sexo feminino (88,5%), solteira (82,4%), com idade de 21 a 28 anos (52,1%) e já se iniciou sexualmente (65,4%).

Quanto à percepção de risco para contrair DST e uso de preservativo, observa-se, de acordo com a tab.1, que a maioria dos estudantes que responderam ao questionário não se percebe em risco (70,7 %) e não faz o uso do preservativo de forma consistente (51,6%).

As doenças sexualmente transmissíveis (DST) representam um grave problema de saúde pública e, se não tratadas adequadamente, podem provocar sérias complicações tais como infertilidade, abortamento espontâneo, malformações congênitas e até a morte. Além disso, aumentam as chances de contaminação pelo HIV. São patologias difíceis de serem detectadas, pois, na maioria das vezes, apresentam-se de forma assintomática Brasil [5].

Mesmo sabendo que a aids e outras DST são transmitidas principalmente por relações sexuais sem o uso da camisinha, ainda há pessoas que se arriscam por meio do sexo sem proteção [4]. Esse comportamento paradoxal foi também observado por outros autores e, principalmente entre os jovens [6,7], à semelhança do presente estudo, aonde o uso consistente do preservativo nas relações sexuais foi citado por menos de 50% dos estudantes que tiveram vida sexualmente ativa, como mostra a tab.1.

Na vida reprodutiva e sexual, o uso do preservativo masculino, apesar de atender a dupla função de proteção, tanto de gravidez indesejada quanto de DST, ainda encontra resistências explícitas ou veladas, entre homens e mulheres, descritas principalmente nos relacionamentos estáveis. Assim, é perfeitamente evidente que a soma de fatores negativos e estereotipados, atribuídos ao uso do preservativo, contribua fortemente para o não uso do mesmo.

Estudos apontam que as razões para o uso irregular da camisinha estão associadas a vários fatores como confiança, redução do prazer sexual, desconforto, esquecimento, embaraço associado à compra do preservativo, não disponibilidade do insumo no momento da relação, dificuldade de negociação do uso e à baixa percepção de vulnerabilidade ou de risco [8]. Dentre esses fatores, talvez o mais importante seja a baixa percepção de risco, também observada nesse estudo e que se encontra normalmente associada a crenças e hábitos culturais que prejudicam a avaliação de risco individual [9]. Esse fato se torna ainda mais alarmante quando, ao se observar a tab.2, se verifica que 73,7% dos estudantes não se percebem em risco de contrair DST, apesar de não usarem proteção durante a relação sexual.

Diferenças nos modos de viver a sexualidade entre homens e mulheres são fatores que influenciam tanto a percepção de risco quanto a capacidade de prevenção da gravidez e DST. Embora haja poucas vias de transmissão das DST/HIV/aids (sexual, vertical e parenteral), existem inúmeros comportamentos e práticas que determinam como e se esses comportamentos de risco ocorrerão [10]. Logicamente, se tais comportamentos forem conhecidos e reconhecidos como possíveis formas de transmissão, é uma questão de bom senso e controle racional evitar tais comportamentos e se proteger das referidas doenças.

Conclusão

A análise dos resultados permitiu constatar uma baixa percepção de risco para DST entre os universitários, inclusive entre aqueles que não usam ou usam de forma inconsistente o preservativo. Esse fato leva a crer que, mesmo lidando com pessoas de um maior grau de instrução, ainda se faz necessária a implantação de políticas educacionais no âmbito da sexualidade, visando à orientação de jovens quanto às práticas sexuais sadias a fim de reduzir a incidência de DST, assim como de gravidez não planejada, nessa população.

Referências:

- [1] FREITAS, F.; MENKE, C.H.; RIVORE, W.; PASSOS, E.P. **Rotinas em ginecologia**. 4ª edição. Porto Alegre: ArtMed. 2003.
- [2] BERGER I.; HUTZ C.S. **O perfil do educador gaúcho em relação à sexualidade**. Rev. Brás. Sex. Hum. v.1, n.10, p.89-118, jan/jun. 1999.
- [3] GIR, Elucir; NOGUEIRA, Maria Suely; PELÁ, Nilza Tereza Rotter. **Sexualidade humana na formação do enfermeiro**. Revista Latino-americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, v.8, n. 2, abr. 2000. 33-40 p.
- [4] BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Prevenção das DST, HIV e AIDS: Adolescentes e jovens para a educação entre pares. Saúde e Prevenção nas Escolas**. Secretaria de Vigilância em Saúde. 1ª edição: Série Manuais, n.69. 2010.
- [5] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde. 2006.
- [6] BERQUO, E.; BARBOSA, R..M.; LIMA, L.P. de. **Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira**. Ver. Saúde Pública. 2008. 34-44 p.
- [7] COLARES, V.; FRANCA, C. da; GONZALEZ, E. **Condutas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros**. **Cad. Saúde Pública**. v. 25, n. 3, mar. 2009. 521-28 p.
- [8] ANDRADE, L.S; THERRIEN S.M.N. **A sexualidade masculina e a vulnerabilidade ao HIV/AIDS. DST – J bras Doenças Sex Transm**. 2005.
- [9] GERMANO, F.N; SILVA, T.M.G, MENDOZA-SASSI, R; MARTÍNEZ A.M.B. **Alta prevalência de usuários que não retornam ao Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) para o conhecimento do seu status sorológico**: Rio Grande, RS, Brasil. Ciênc. saúde coletiva. v. 16, n. 3.2008. 1033-40 p.
- [10] CASTIEL, L. D. **Moléculas, moléstias e metáforas: o senso dos humores**. São Paulo: Unimarco Editora, 1996.

Tabela 1. Uso de preservativo e percepção de risco para DST na população de estudo

Variável	n	%
Uso do preservativo		
não usa	19	20,4
usa sempre	45	48,4
usa as vezes	15	16,1
usa na maioria das vezes	14	15,1
Total	93	100,0
Percepção de risco para DST		
não se percebe em risco	111	70,7
baixo risco	28	17,8
médio risco	11	7,0
alto risco	7	4,5
Total	157	100,0

Tabela 2. Uso de preservativo segundo a percepção de risco para DST na população de estudo

Uso do preservativo	Não se percebe em risco		Baixo risco		Médio risco		Alto risco	
	n	%	n	%	n	%	N	%
Não usa	14	73,7	3	15,8	0	0	2	10,5
Usa sempre	29	64,4	11	24,4	4	8,9	1	2,2
Usa às vezes	8	53,3	3	20	3	20	1	6,7
Usa na maioria das vezes	7	50	4	28,6	1	7,1	2	14,3
Não tem relação sexual	50	83,3	6	10	3	5	1	1,7
Total	109	70,8	27	17,5	11	7,1	7	4,5